

EDITORIAL

Enfermagem ... "foi, é e será" Enfermagem:

precisamos colocar nossas perguntas sobre o paradigma

Nébia Maria Almeida de Figueredo

Sei que o espaço não é suficiente para responder as questões do paradigma da enfermagem, mas é o bastante para perguntar. Como não poderia deixar de ser, as questões que tenho feito estão relacionadas ao CUIDADO como uma ação que provoca reação no corpo do "sujeito", uma obsessão e uma tese a ser defendida.

Às vezes me pergunto por que abandonamos o nosso paradigma de origem para nos aventurar em busca de outros, quando FLORENCE NIGHTINGALE demarcou para nós o que é e não é enfermagem. Mais atual do que nunca, figura feminina do século XX, ela nos deixou todas as lições práticas e teóricas quando escreveu suas notas sobre enfermagem. As bases que sustentam a enfermagem de Florence são: a arte, a administração, os princípios científicos e a natureza como restauradora do corpo doente se a enfermeira soubesse colocá-lo nas melhores condições para que a iluminação, o ar, o som, a higiene, o alimento exerçam sua cura. O que Florence quis dizer, quando afirmava que a enfermeira devia saber colocar o doente nestas (quais?) condições e se ele sentisse frio, dor, mal-estar, desconforto não era por causa da doença, mas devido a uma enfermeira que não sabia cuidar.

Portanto, acredito que nosso PARADIGMA foi, é e será o CUIDADO como objeto do fazer e do pensar. O cuidado, que FLORENCE escreveu para nós, mantém-se tão atual que está perfeitamente articulado com o pensamento de filósofos, sociólogos, cientistas como Edgar Morin, Leonardo Boff, Michel Maffezoli, Humberto Maturana, afirmado nas frases: "o cuidado é uma atitude...", "o cuidado é singular e complexo porque é para um homem/mulher que pensam, sonham, sofrem, desejam, têm necessidades e são sujeitos de sua própria história; que a biologia da atualidade envolve o AMBIENTE como um sistema biológico, social, político, econômico que organiza-se, desorganiza-se e reorganiza-se".

O paradigma deixado por Florence, não é o suficiente? Se não é, por que não é? Há mais de cem anos ela conseguiu demonstrar que a higiene e o cuidado com o ambiente do cliente diminuía a morbi-mortalidade. Demonstrar ainda é o nosso "tendão de aquiles" que fica cada vez mais evidente nas exigências dos órgãos de fomento que são moldados no paradigma da ciência vigente. Particularmente acho que podemos demonstrar, não importa a abordagem. Ou será que o cuidado que prestamos não serve para nada, não muda nada, não contribui com nada, não produz nada?

Precisamos encontrar uma afirmativa científica para o cuidado, o que depende dos enfermeiros se entenderem como cientistas do cuidado, de enfermagem. Caso contrário, seremos "meros" cuidadores dos espaços onde os outros produzirem suas ciências.

Se o cuidado é uma ciência parece que nos falta "atitude", "capital cultural", "filosofia", "política" e "conhecimento científico". Florence, ao se ajoelhar e limpar o chão para demonstrar que podia prevenir infecções, não se sentia, por certo, faxineira, mas alguém - uma mulher enfermeira - que era possível contribuir para manter a vida e, quem sabe, afastar a morte e manter a saúde a partir de uma prática científica.

Nursing ... "was, is and will be" Nursing: we need to question about the paradigm.

Nébia Maria Almeida de Figueredo

I know that the space is not sufficient to answer the questions about the paradigm of nursing, but it is enough to ask them. My questions are related to CARE as an action that leads to a reaction on the subject's body, an obsession and a thesis to be defended.

Sometimes I ask myself why we abandoned our original paradigm if FLORENCE NIGHTINGALE clearly declared what nursing is and what it is not. Modern, woman of the twentieth century, she gave us all the practical and theoretical lessons about nursing in her notes. The basis of nursing according to Florence are: the art, the administration, the scientific principles and the nature restoring an ill body, if the nurse knew how to create the best conditions to allow the light, the air, the sound, the hygiene and the food heal the patient. Florence meant that the nurse should provide these conditions (which?) to the ill patient. If he was cold, in pain, sick, uncomfortable, it was due not to the disease but to a nurse's lack of knowledge about caring.

I believe that our PARADIGM was, is and will be CARE as an object of practice and thinking. Care described by FLORENCE is so contemporary that it can perfectly be linked to the thinking of philosophers, sociologists and scientists such as Edgar Morin, Leonardo Boff, Michel Maffezoli, Humberto Maturana: "care is an attitude...", "care is singular and complex because it is for a man and a woman who think, dream, suffer, wish, have needs and are the subjects of their own history; the biology of the present turns the ENVIRONMENT into a biological, social, political, economical system that can organize, disorganize and re-organize itself".

Is not Florence's paradigm enough? Why not? More than a hundred years ago, she succeeded in proving that hygiene and care reduced the morbi-mortality. Demonstrating is still our Achille's heel and it becomes more evident in supporting agencies' demands, since they follow the current science's paradigm. Particularly, I think we can demonstrate it, no matter the approach. Or do we consider that nursing care is useless, changes nothing, contributes to nothing, produces nothing?

We need to find a scientific assertion to care and that depends on the nurse's understanding of being scientists of nursing care. Otherwise we will merely take care of the spaces where others produce their sciences.

If care is a science, we lack "attitude", "cultural store", "philosophy", "policy" and "scientific knowledge". When Florence knelt down and cleaned the floor to show that she could prevent infections, she certainly did not feel a cleaner but someone – a woman and a nurse – who could contribute to keep life, perhaps to prevent death, and keep good health using a scientific practice.

Enfermería... "fue, es y será". Enfermería: algunas preguntas que necesitamos establecer sobre el paradigma

Nébia Maria Almeida de Figueredo

Sé que el espacio no es suficiente para responder a las cuestiones del paradigma de la enfermería, pero es lo suficiente para preguntar. Como no podría ser de otro modo, las preguntas que hago están relacionadas con el cuidado como una acción que provoca una reacción en el cuerpo del "sujeto", una obsesión y una tesis para sustentar.

A veces me pregunto porque abandonamos nuestro paradigma de origen para aventurarnos en busca de otros, cuando Florence Nightingale estableció lo que es y lo que no es enfermería. Más actual que nunca, esta figura femenina del siglo XX, nos dejó todas las lecciones prácticas y teóricas cuando escribió sus notas sobre enfermería. Las bases que sustentan la enfermería de Florence Nightingale son: el arte, la administración, los principios científicos y la naturaleza restauradora del cuerpo enfermo si la enfermera supiese colocarlo en las condiciones más adecuadas para que la iluminación, el aire, el sonido, la higiene y el alimento ejerzan su cura. Lo que Florence nos quiso decir, cuando afirmaba que la enfermera debía saber colocar al enfermo en estas (¿cuáles?) condiciones, y cuando él sintiese frío, dolor, malestar, o incómodo era por causa de la enfermedad, pero, especialmente, debido a que la enfermera no sabía cuidar.

Por lo tanto, creo que nuestro PARADIGMA fue, es y será el CUIDADO como objeto del hacer y del pensar. El cuidado, sobre el que Florence nos escribió, se mantiene tan actual que está articulado perfectamente con el pensamiento de filósofos, sociólogos, científicos como Edgar Morin, Leonardo Boff, Michel Maffezoli, Humberto Maturana, afirmado en las frases: "el cuidado es una actitud...", "el cuidado es singular y complejo porque es para un(a) hombre/mujer que piensan, sueñan, sufren, desean, tienen necesidades y son sujetos de su propia historia, que la biología actual coloca al AMBIENTE como un sistema biológico, social, político y económico que se organiza, se desorganiza y se reorganiza".

¿El paradigma dejado por Florence, no es suficiente? Si no lo es, ¿por qué no lo es? Hace mas de cien años ella consiguió demostrar que la higiene y el cuidado con el ambiente del cliente disminuía la morbi-mortalidad. Demostró que era, y todavía es, nuestro "talón de aquiles" el cual se torna mas evidente en las exigencias de los órganos de fomento que están moldeados en el paradigma de la ciencia vigente. Particularmente,

creo que podemos demostrar no importa la forma de abordar. O ¿será que el cuidado que prestamos no sirve para nada, no cambia nada, no contribuye con nada, no produce nada?

Necesitamos encontrar una afirmación científica para el cuidado, esto depende de que los enfermeros se sientan y se entiendan como los científicos del cuidado, de la enfermería. En caso contrario, seremos "simples" cuidadores de los espacios en donde otros producirán sus ciencias.

Si el cuidado es una ciencia, parece que nos falta "actitud", "capital cultural", "filosofía", "política" y "reconocimiento científico". Florence al arrodillarse y limpiar el piso para demostrar que podía prevenir infecciones, no se sentía, por cierto, una fregona, mas si alguien - una enfermera - que podía contribuir para mantener la vida y quien sabe, alejar a la muerte y mantener la salud a partir de una práctica científica.

Sobre a autora

Nébia Maria Almeida de Figueredo

Doutora em Enfermagem e Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental – EEAN/UNI-RIO.